

A. E. I.

RUBEM BRAGA

RECEBO de Vitória o primeiro número de A.E.I., órgão da Associação Espírito-Santense de Imprensa, uma associação que parece se animar de vida nova, cheia de iniciativas e reivindicações. Cuidase de obter filiação à A.B.I., pleitear subvenção estadual, legalizar a situação do porteiro-cobrador, aumentar o número de sócios, fazer um jantar mensal de jornalistas... A sede foi pintada, recebeu cortinas novas e todo dia há um diretor de plantão, no começo da noite, para oferecer um cafezinho ao sócio "entre o fim do jantar e o começo do cinema". Organiza-se o serviço de assistência médica e providencia-se uma geladeira; já foi comprada uma nova máquina de escrever. Pelos nomes da diretoria tive a impressão de que por enquanto quase todos os sócios são de Vitória; certamente a A.E.I. tratará logo de se fazer realmente estadual, interessando os que trabalham nos pequenos jornais do interior.

Se Vitória tem, além da velha e boa revista "Vida Capixaba" (em cujas coleções antigas há muita literaturinha de um rapazola de Cachoeiro, que ficava ansioso à espera do número para saber se tinham acerto seus rabiscos, e estremeceu de puro prazer um dia em que meteram uma coisa sua na página de abertura...), dois jornais diários, movimentados e vivos, há em quase todo município pelo menos um semanário ou mensário.

E' que nem o jornal de Vitória nem o do Rio pode substituir a pequena fôlha local, onde um abnegado qualquer registra a vida miúda de um município.

Cachoeiro de Itapemirim chegou a ter um diário — "O Progresso" — aventura que jamais entendi do veterano Vieira da Cunha, que levou para lá um

sujeito magro, de óculos, do Rio, que não tardou a ser conhecido como "Dr. Progresso" embora se asinhasse, como hoje, Sérgio Buarque de Holanda.

Foi em Cachoeiro que me exercitei neste melancólico ofício, escrevendo coisas de todo o gênero no ainda vivo "Correio do Sul", que chegou a sair três vezes por semana.

Foi ali que os revoltosos de 30, depois de invadir a cidade, procuraram um sujeitinho que fazia artigos violentos contra a Aliança Liberal — um rapazola de 17 anos, que no momento estava doente no Rio e que não poderia imaginar que teria de viver ainda 15 anos sob o governo daquele gaúcho dúbio e frio que chegava ao poder...

E' pensando naquele rapazola de idéias confusas e pena ligeira, de quem o saudoso Motinha caçou tanto quando ele se deixou fotografar pelo Antônio Miguel sentado à mesa da redação, muito magro dentro de uma roupa escura, com o ar digno e decidido de quem ia consertar a Ponte Municipal e o Brasil inteiro com duas frases batatais — que minha ternura se volta para o jornalzinho do interior, para os colegas que amadureceram naquela rotina às vezes heróica e sempre tão ingrata da pequena imprensa.

A A.E.I. certamente os tem hoje em seu seio, esses lutadores esparsos e obscuros das fôlhas do interior — vítimas também às vezes, como os dos grandes jornais, da malícia barata dos que se esquecem com presteza de tudo o que ainda há de generoso e nobre no trabalho comum da imprensa, para só se lembrarem dos vícios que ela não pode deixar de ter como espelho de uma sociedade por demais viciosa e triste.

Os redatores-chefes dos dois diários de Vitória respondem praticamente a mesma coisa a uma pergunta sobre o que fariam, se fossem donos do mundo, pelos jornalistas. Ambos respondem: independência econômica e liberdade de pensamento. A segunda coisa — hélas! — bem ligada à primeira.

Ainda não é uma classe tão má essa que reclama para si não glórias nem fortuna nem poder — mas apenas o direito humilde da sinceridade.